

---

## Editorial

---

Neste número 12 da *Poiesis* o “Editor Convidado”, prof. André Parente, nos apresenta um *dossier* que, além de um artigo de sua autoria, reuni os autores Raymond Bellour, Luiz Cláudio da Costa e Victa de Carvalho para discutirem o *Cinema de Artista*. Em seu ensaio, *A querela dos dispositivos*, Bellour questiona até que ponto as projeções instalativas que fazem uso das novas tecnologias da imagem podem ainda ser consideradas cinema ou se, ao contrário, não representariam uma diluição da especificidade estética de seu dispositivo. Luiz Claudio da Costa com *O cinema expandido de Andy Warhol: repetição e circulação* faz uma reflexão aprofundada sobre a obra desse artista, em especial seus filmes, em que a repetição e a monotonia, usadas como estratégia de esvaziamento, cria um espaço ideal de neutralidade que potencializa a crítica cultural. Victa de Carvalho, no artigo *Dispositivo e experiência: relações entre tempo e movimento na arte contemporânea*, revela um novo tipo de receptor que, em face dos dispositivos instalativos, deve abandonar seu lugar habitual de observador distanciado para assumir aquele do agente ativador do espaço/tempo da obra. André Parente, fechando o *dossier*, em *Cinema de exposição: o dispositivo em contra/campo* apresenta uma reflexão sobre o conceito “dispositivo” que mostra o quanto a sua reinvenção está contribuindo para se repensar o cinema.

Em “Conexão Internacional”, o prof. Luciano Vinhosa, convidou o filósofo francês Jean-Pierre Cometti para dividir a seção. No inédito *Arte e experiência estética na tradição pragmatista*, Cometti empreende uma revisão do pragmatismo e nos chama atenção para as contribuições que essa filosofia, de tradição norte-americana, trouxe para estética, em especial a obra de John Dewey. Discutindo a relação intrínseca que a arte mantém com a vida, Cometti relativiza a noção de arte ao inscrevê-la no horizonte das culturas e, assim, no contexto dos usos partilhados. Motivado pela experiência da fotografia digital e mantendo um diálogo implícito com Cometti, Luciano Vinhosa com seu *Artista e receptor: amolecimento das fronteiras no ato fotográfico* propõe um cruzamento entre as teorias de Dewey e Benjamin para, em seguida, apontar a franca diluição das fronteiras que na estética moderna separavam a produção da recepção, o artista do amador.

No segmento “Artigos livres”, Lúgia Dabul e Bianca Pires, refletindo sobre o *set* cinematográfico, o compreendem como um momento singular de interação social. Em *O corpo-forma Xavante no cenário ritualístico contemporâneo*, Cristina Campos aponta para a emergência de um diálogo transcultural que abre espaço para pensarmos um perfil de “artista indígena”. Leonardo Cunha, ao realizar uma crítica do filme *Le Placard*, apresenta uma análise do cinema de Francis Veber através de seu onipresente personagem Pignon. Emerson Dionísio G. de Oliveira com *A máquina escriturística: de Duchamp a Certeau* visa compreender a leitura que o historiador e antropólogo Michel de Certeau faz do projeto artístico mais ambicioso de Marcel Duchamp – *O Grande Vidro*; sustenta que a leitura de *O grande Vidro* por Certeau mantém uma relação intrínseca com suas discussões teóricas. Martha Ribeiro em *Pirandello, autobiografia e teatro: um diálogo possível* investiga o quanto os últimos escritos do dramaturgo foram o resultado da cumplicidade que mantinha com a atriz Marta Abba. Franciele Filipini dos Santos no artigo *Produção artística contemporânea: a cibercepção em Rara Avis e Verbarium*, servindo-se do conceito “cibercepção” de Ascott, apresenta uma análise das propostas artísticas de Eduardo Kac e da dupla de artistas Christa Sommerer e Laurent Mignonneau. Em *Paisagem vernacular: aldeamentos salineiros*, Werther Holzer e Vera Alcântara chamam nossa atenção sobre o caráter peculiar das paisagens dos aldeamentos salineiros em torno da Lagoa de Araruama. Apresentado uma análise crítica de sua própria produção, a artista Beatriz Pimenta nos traz o ensaio *Cabeça, tronco e membros: reflexões sobre um projeto de instalação*.

A seção “Traduções” traz os artigos *Sem margem, sem caderno* da artista franco-canadense Josette Trépanier e *Em busca do olhar virgem: a propósito das fotografias de Pierre-Verger* do antropólogo francês Jérôme Souty. A autora retrabalha o conceito “desenvoltura”, a partir de Castiglione e Nietzsche, para em seguida reavaliá-lo e lançar um ponto de vista crítico sobre a arte contemporânea. Souty, ao debruçar-se sobre a produção fotográfica do jovem Verger ao redor do mundo, põe a prova o método da “fotografia pelo inconsciente” e questiona até que ponto o “olhar virgem” de Verger não participaria da postura de seus contemporâneos surrealistas.

Por fim, Fernanda Lopes nos apresenta uma resenha do livro *A Teoria como Projeto – Argan, Greenberg e Hitchcock*, de Guilherme Bueno.

Agradecemos aos autores e a toda equipe editorial que, graciosamente, colaboraram com este número da revista.

